O MAPA DA CANA

por FERNANDO LOPES

Produção concentrada

São Paulo lidera o cultivo de cana

O uso da terra no Brasil

Em milhões de hectares

Áreas voltadas à pecuária agora possuem canaviais

A maior parte da expansão da cultura ocorre em pastagens, sem provocar impactos relevantes nas terras destinadas aos alimentos

O etanol produzido no Brasil, a partir do processamento da cana-de-açúcar, esta incluído nas duras críticas da Europa aos biocombustíveis, em conseqüência dos reflexos na inflação mundial de alimentos. Ainda que o alvo principal do ataque seja o etanol de milho dos Estados Unidos, o álcool brasileiro, a alternativa mais competitiva para substituir com eficiência os derivados de petróleo nos motores dos veículos, também foi atingido.

Quando emergiram as críticas, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), vinculada ao Ministério da Agricultura já havia enviado uma equipe de 47 entrevistadores ao campo para mapear o avanço da cana-de-açúcar em terras brasileiras nas últimas duas safras. Foram visitadas 353 unidades de produção em 19 Estados da federação, e o resultado da pesquisa não oferece sustentação às recentes ilações européias de que o etanol de cana-de-açúcar pressione as cotações de grãos e provoque inflação de alimentos.

Wagner Rossi, presidente da Conab, diz que os resultados apurados ajudam a imagem do produto, por "revelar a todos os interessados, inclusive de outros países, que a liderança brasileira internacional na produção de cana-de-açúcar e na fabricação e comercialização de açúcar e de álcool etílico (etanol) é decorrente da nossa vocação natural nessa área, da imensa tradição acumulada em muitos anos na atividade e na capacidade de organização de nossos agentes econômicos: industriais, comerciantes, agricultores e trabalhadores".

Diante das críticas, o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, tem reafirmado a líderes de governos de outros países, com os quais têm se encontrado, como a chanceler da Alemanha, Angela Merkel, e o primeiro-ministro da Espanha, José Luiz Rodriguez Zapatero, que a discussão sobre combustíveis-e o etanol em particular - deve ser científica e racional, não emocional e política. Somente dessa forma, diz Lula, será possível discutir a importância do álcool brasileiro em relação às graves questões do aquecimento global, da escassez energética e da inflação dos alimentos.

Antes dessas críticas, a Europa dava ênfase no apoio aos biocombustíveis. Mas há uma mudança nessa posição, em razão de uma série de fatos, que vão desde a explosão das cotações dos grãos no mercado internacional até os pesados subsídios da União Européia, porque grande parte do biodiesel do bloco comunitário é de canola.

O cruzamento dos dados da Conab mostra que a expansão dos canaviais no Brasil não tem impacto relevante sobre a área plantada de grãos, como soja, milho e arroz. No caso do trigo, commodity agrícola que subiu quase 100% nos últimos L2 meses, também não há reflexos, porque o Brasil, um dos maiores importadores do cereal do mundo, produz pouco e em área restrita concentrada na Região Sul. Expansões de área com essa cultura em outras regiões são dificultadas pelos custos elevados diante da necessidade de se adotar sistemas de irrigação.

Com base em dados, o mesmo raciocínio baliza todas as discussões. Ricardo Gusmão Dornelles, diretor do Departamento de Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia, diz que o volume da produção nacional de grãos e de cana-de-açúcar cresceu 217% de 1996 a 2007, enquanto a área plantada com esses produtos, graças a um salto de 150% na produtividade, aumentou 28% (11 milhões de hectares).

No mesmo período, a área de cana

No Estado do Amazonas, a Conab não registra avanço do cultivo da cana. Na Floresta Amazônica, o plantio é mínimo e somente direcionado para atender às demandas locais de açúcar e álcool

destinada à produção de álcool foi ampliada em modestos 3 milhões de hectares, enquanto houve um incremento da ordem de 116% na produtividade. Na safra 2007/08, a cana ocupou no total cerca de 7 milhões de hectares. De áreas novas em relação ao ciclo anterior, foram somente 15.546 hectares, informa a Conab. A maior parte da expansão se deu em pastagens da pecuária extensiva, que cederam 423.120 hectares para os canaviais. Milho, soja, café, laranja e outras culturas perderam 215.056 hectares para a cana.

A área perdida de milho, soja, café, laranja e demais culturas representa *3%* do espaço total ocupado pelos canaviais. Em relação à superfície total de plantio de grãos em 2007/08, de 47 milhões de hectares, o percentual foi de apenas 0,5%. No Centro-Sul, onde se concentram os canaviais, a expansão da cana atingiu 617.017 hectares em 2007/08. Em São Paulo, que abriga o maior pólo produtor de açúcar e álcool do mundo, também foram as pastagens que cederam espaço para a cana. A pecuária extensiva perdeu ainda terreno nas regiões Norte e Nordeste, com a diferença de que nessas regiões a área de grãos permaneceu intacta.

No Estado do Amazonas, a Conab não captou avanço dos canaviais. Na Floresta Amazônica, o plantio é mínimo e direcionado para atender às demandas locais de açúcar e álcool. Representantes das grandes usinas do país não têm interesse em avançar nas florestas também por questões econômicas. Como é uma parte do mundo em que chove demais, o teor de açúcar das plantas ê baixo e a produção ineficiente.

"Não faz o menor sentido plantar cana na Amazônia. O cuidado que se deve ter na região é com o avanço da pecuária e da soja, que estimula o desmatamento. Para esses produtos, é preciso uma certificação séria e respeitada e pulso firme em áreas limítrofes", afirma Ingo Ploger, presidente da consultoria IP Desenvolvimento Empresarial e Institucional. Ex-chairman da Câmara Brasil-Alemanha e do Fórum Mercosul-União Européia, Plõger tem sido muito procurado por estrangeiros interessados em investir no segmento sucroalcooleiro no Brasil.

A Conab ainda não fez um levantamento de campo detalhado para explicar o crescimento da área de cana no país nesta safra 2008/08, que está começando. Mas acredita-se que tenha seguido o padrão da expansão observada na temporada anterior. A produção devera ficar, no máximo, em 579,8 milhões de toneladas, com crescimento de até 12,4% na oferta de açúcar (para 35 milhões de sacas de 60 quilos) e de até 19,5% na de álcool (para 4,5 bilhões de litros).

Para os grãos, cuja área plantada em 2007/08 foi 1,6% maior que no ciclo anterior, o volume de produção deve aumentar 7,9% (10,4 milhões de toneladas a mais), para 142,1 milhões de toneladas no total. Puxada por soja (59,5 milhões de toneladas} e milho (57,9 milhões), será a maior colheita j á obtida no país.

Marcos Sawaya JanJk, presidente da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Única), que representa as usinas do Centro-Sul do país, rebate as previsões neomalthusianas de escassez alimentar, inflação e fome. "As previsões catastrofistas feitas pelo economista Thomas Malthus, em 1800, subestimaram o poder do progresso tecnológico, que permitiu que hoje se utilize apenas l hectare para alimentar cada habitante em zona urbana, ante 3,5 hectares no início dos anos 60."

O problema da fome no mundo, afirma Jank, não vem da falta de alimentos, mas da falta de renda. "Erram grosseiramente aqueles que, ignorando a tecnologia, afirmam que os alimentos terão os seus preços continuamente elevados na mesma proporção que o petróleo", destaca o dirigente. A produtividade do etanol de cana-de-açúcar passou de 3 mil litros por hectare na década de 70 para os atuais 7 mil. E na próxima década, diz ele, serão alcançados 12 mil litros por hectare. O etanol de milho americano continua com seus 3 mil litros por hectare.

Ingo Plöger, da IP Desenvolvimento: "É preciso uma certificação séria e respeitada"

Fonte: Valor Especial, p. 20-22, maio. 2008.